

2ª OFICINA LITERÁRIA

RECICLANDO HISTÓRIAS PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

TEMA: ÁGUA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A
VIDA E PARA O FUTURO DO PLANETA



FICHA TÉCNICA

2ª Oficina Literária:

"Recidando Histórias para um Futuro Sustentável"

Instituição: Escola Estadual Cyro Góes

Diretora: Kerley Campos

Vice-diretora: Darlene Darc

Bibliotecária: Elaine Sales

Oficineiro: Raik

Empresa promotora: BEVAP

Analista de Meio Ambiente e Sustentabilidade: Marina Rosa

Analista de Comunicação: Filipe Damascena



AUTORES DESTA EDIÇÃO

Ana Laura Crescêncio de Assis

Letícia Emanuely Sales Mendes

Helen Cássia Barcelos da Silva

Lanna Maria

Vitor Samuel Lino Borges

Anny Marcelly Gonçalves de Moura

Isabela Aparecida Pereira Araújo

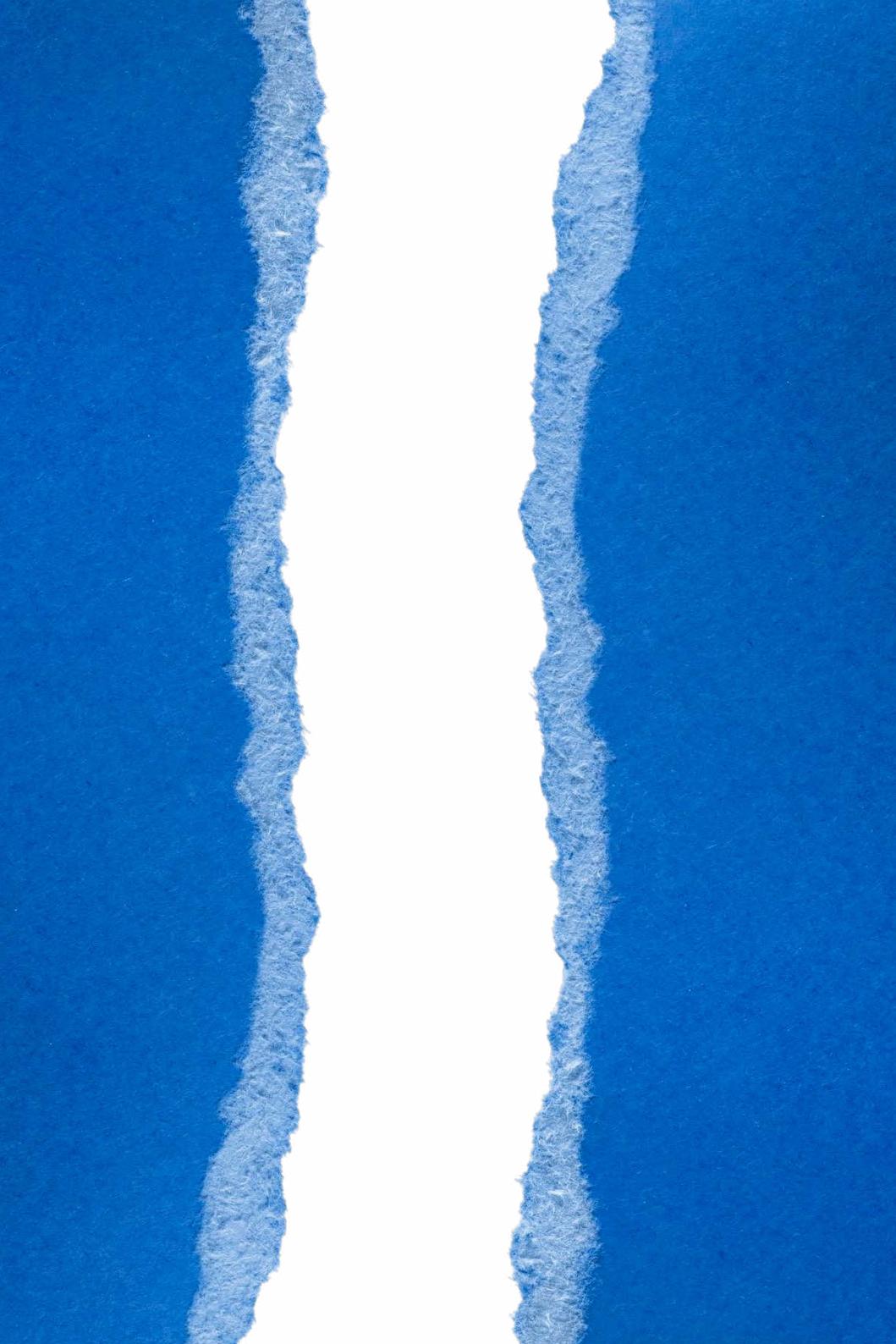
Maria Clárisse Barbosa Magalhães

Eduarda Gonçalves Santos

Miguel Luiz Brandão Silva

Gabrielly Vitória

Laysla Gonçalves dos Santos



NOTA DO OFICINEIRO

Voltar à Escola Estadual Cyro Góes para realizar mais uma edição da oficina “Reciclando Histórias para um Futuro Sustentável” foi, para mim, uma experiência extremamente significativa. Estar novamente nesse espaço, dialogando com os alunos e compartilhando a escrita como ferramenta de expressão e reflexão, reforça o quanto a literatura pode transformar realidades.

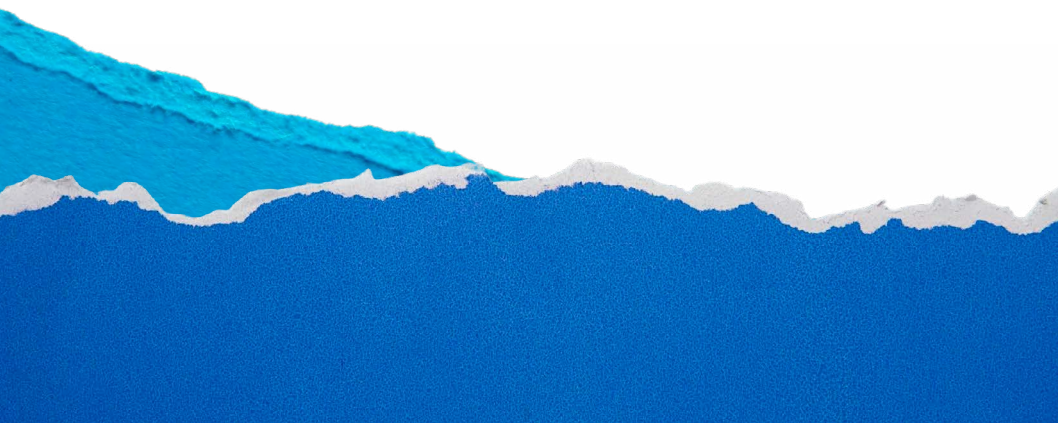
Durante a oficina, tive a oportunidade de acompanhar de perto o envolvimento dos estudantes, que se dedicaram a construir histórias sensíveis, criativas e cheias de significado. Foi bonito perceber como temas importantes, como a preservação da água e o cuidado com o meio ambiente, surgiram de forma natural nas narrativas — o que resultou diretamente nos textos desenvolvidos pelos alunos, agora reunidos neste pequeno e-book.

Agradeço à direção da escola, na pessoa da diretora Kerley Campos, da vice-diretora Darlene Darc e da bibliotecária Elaine Sales, pelo acolhimento e pela abertura para a realização de mais uma atividade tão importante dentro do ambiente escolar.

Também deixo registrado o reconhecimento à empresa BEVAP, que tornou essa oficina possível. A parceria reforça a importância de iniciativas que unem educação, cultura e sustentabilidade, impactando diretamente a formação dos jovens.

Mais do que uma oficina, esse encontro foi uma troca. Saio mais uma vez com a certeza de que cada história escrita aqui carrega não apenas palavras, mas consciência, sensibilidade e a possibilidade de um futuro melhor.

Raik
Oficineiro



SUMÁRIO



Onde as Ondas Encontram a Alma

A história acompanha Elana, uma jovem de 17 anos que encontra no mar seu refúgio diante dos acontecimentos da vida. Entre as ondas, os peixes, o sol refletindo em seu rosto e o céu cheio de nuvens, ela aprende a apreciar a beleza da vida e a paz que encontra no oceano e no surfe.

Para Elana, o mar não é apenas um lugar para surfar ou nadar, mas um espaço onde ela se sente livre e em conexão com a vida. Ela percebe que a beleza do mar tem o poder de acalmar seu coração e lhe dar esperança para o futuro.

Elana fica em frente ao mar, em silêncio, contemplando a imensidão e a profundidade do oceano. Em certo momento, ela entende que algumas de suas dores sempre desaparecem quando vê o mar ou até mesmo quando surfa. O surfe se torna parte de quem ela é, assim como o mar, que nunca deixa de se mover, nem por um segundo.

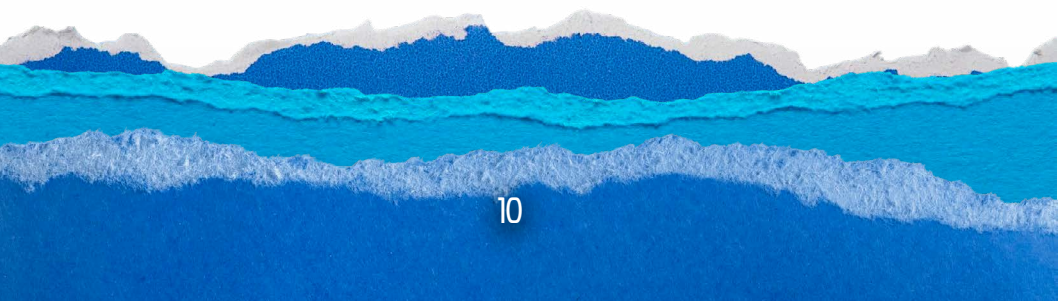
Com tudo isso em mente, ela segue sua vida, conquistando competições olímpicas no surfe e se tornando muito famosa. Elana alcança um nível de felicidade, liberdade, paixão, paz interior e reflexão que nem ela mesma acreditava ser possível.

Mesmo depois de conquistar medalhas e reconhecimento, Elana nunca esquece o verdadeiro motivo de tudo: o mar e a motivação das pessoas que sempre estiveram ao seu lado. Para ela, as ondas não são apenas um caminho para a vitória, mas o lugar onde sua alma sempre encontrará liberdade e felicidade.

Mas, como todos os seres humanos, Elana também enfrenta dificuldades. Muitas vezes, ela treina sozinha, lidando com o cansaço, o medo das ondas grandes, os afogamentos preocupantes que já enfrentou e as dúvidas dentro de si mesma. Ainda assim, o mais importante é que ela nunca desiste. Apesar das dificuldades, sempre ergue a cabeça com confiança e esperança, sem se prender a pensamentos negativos.

Ela sabe que as pessoas ao seu lado nunca deixaram de acreditar nela e sempre estiveram presentes quando ela precisou.

Autora: Ana Laura Crescêncio de Assis



Quando a Água Falta

A vida de Paula era tranquila na rua onde morava. Aos 20 anos, ela era alta, morena e tinha cabelos escuros e cacheados, muito bonitos. Seus olhos também eram escuros, e seu jeito de falar tinha um sotaque único.

Paula trabalhava durante o dia e, nas horas vagas, gostava muito de ler para passar o tempo. Mesmo morando sozinha, mantinha uma boa relação com seus pais e familiares, que viviam por perto.

Seu companheiro de todos os dias era seu cachorro, Toby. Ele vivia com Paula e estava sempre por perto. Às vezes, ela ficava um pouco apreensiva quando Toby se mostrava muito agitado, mas gostava muito dele e cuidava dele com carinho.

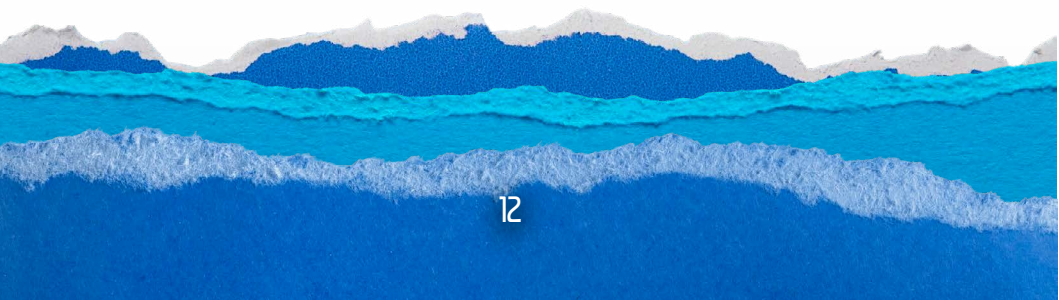
Um dia, surgiu um problema na rua: o poço que abastecia as casas com água apresentou defeito. A água começou a faltar, o que preocupou todos os vizinhos. Ao perceber que, a cada dia, a situação se agravava, Paula ficou ainda mais preocupada.

As tarefas do dia a dia se tornaram mais difíceis, até mesmo dar água para Toby. Em certo momento, o cachorro saiu pelo quintal, e Paula temeu que ele pudesse ter bebido água de algum

lugar impróprio.

Chateada com a situação, Paula começou a conversar com amigos e vizinhos. Mesmo tendo dificuldade em se aproximar das pessoas, ela comentou que algo precisava ser feito para resolver o problema da água na rua. Com o apoio da família e da comunidade, Paula percebeu que falar sobre o problema era o primeiro passo para encontrar uma solução para todos.

Autora: Leticia Emanuelly Sales Mendes



O Mistério do Desperdício de Água

A história retrata uma jovem chamada Ana Paula, uma jornalista curiosa que decide investigar um mistério sobre o desperdício de água em sua cidade.

Durante o dia, Ana Paula começa a investigar o problema. Ela conversa com diversos moradores e percebe que muitas pessoas reclamam do desperdício de água. Ao chegar à casa de um morador que vivia mais distante da vila, ela o entrevista e faz algumas perguntas. Então, ele diz:

— Quando eu estava passeando pela vila, observei algo estranho. Muitas pessoas estavam desperdiçando água sem perceber.

Naquela noite, Ana Paula decide não dormir. Ela resolve continuar investigando para verificar se o que o morador havia dito era realmente verdade. De repente, ela se lembra das regras da vila e percebe algo importante: muitas pessoas não tinham o hábito de economizar água.

Diante disso, Ana Paula decide alertar os moradores sobre a importância de economizar água em atividades do dia a dia, como lavar louça, roupas e limpar a casa. Afinal, cada pequena ação pode gerar um grande resultado.

Autora: Helen Cássia Barcelos da Silva – 3º ano EMTI

História de Pescador

Fortunado Mendes Fonseca, um pescador de 59 anos, sempre teve sua vida ligada à água. Desde jovem, acordava antes do nascer do sol, pegava seu pequeno barco e seguia para o rio, onde encontrava não apenas seu sustento, mas também sua paz

A água, calma na maioria dos dias, refletia o céu e acompanhava seus pensamentos silenciosos. Fortunado dizia que entendia a água como se fosse gente: às vezes tranquila, às vezes brava, mas sempre cheia de histórias. Em casa, sua esposa, Joana, o esperava com café quente e um sorriso sereno. Ela conhecia bem aquele homem de poucas palavras e sabia que, no fundo, ele carregava um coração tão profundo quanto o rio.

Certa manhã, porém, a água não estava como de costume. Estava agitada, escura, como se quisesse avisar algo. Mesmo assim, Fortunado entrou no barco. Joana, preocupada, pediu que ele não fosse, mas ele respondeu com calma que a água nunca o havia traído.

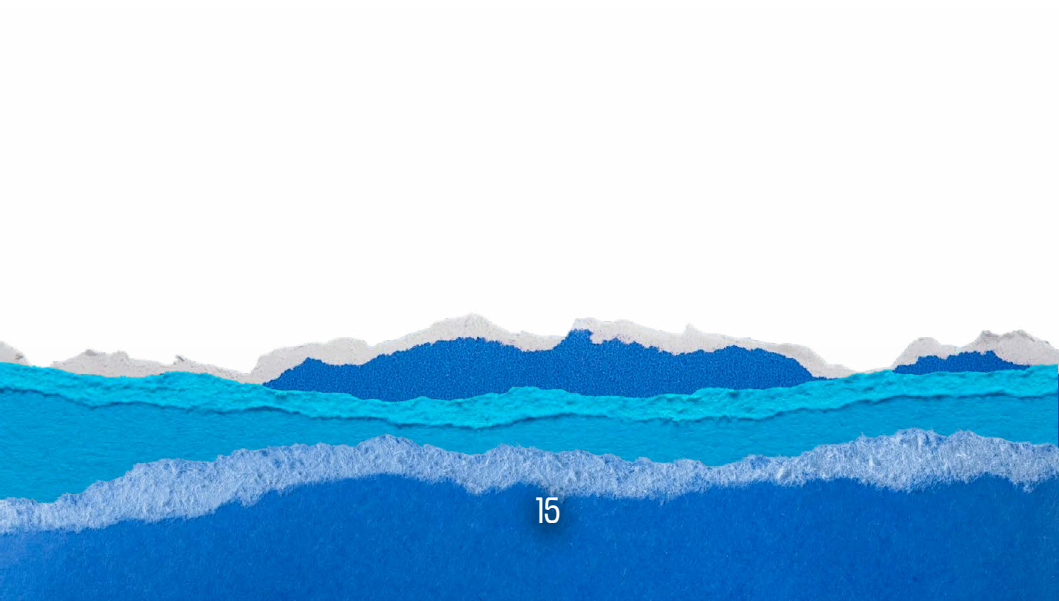
Já no meio do rio, o vento aumentou e a água começou a balançar o barco com força. Fortunado, experiente, tentou manter o controle, mas percebeu que aquele dia não era como os

outros. Foi então que decidiu voltar. Remando com dificuldade e enfrentando a força da água, conseguiu chegar à margem.

Ao pisar em terra firme, olhou para o rio e, pela primeira vez em muitos anos, agradeceu por estar vivo. Joana o abraçou forte e, naquele momento, ele entendeu que, mais importante do que a pesca ou o costume, era o amor que o esperava em casa.

Desde esse dia, Fortunado Mendes Fonseca continuou pescando, mas com ainda mais respeito pela água — não apenas como fonte de vida, mas como algo que também sabe impor seus limites.

Autora: Lanna Maria



Entre o Jogo e a Consciência

Pego-me pensando: por que ninguém do ensino médio diz como é chato jogar xadrez com John? Um nerd de matemática que dificilmente é derrotado — por isso, é o aluno preferido do professor Ricardo, que domina todos os assuntos e dá aula no laboratório de matemática.

Antes da aula começar, logo após o intervalo, estávamos sentados em dupla: eu e John. Ele me olhava como se se sentisse na obrigação de falar comigo. Juro, fiquei completamente envergonhado.

O professor chegou, como sempre, colocou sua régua e seu material sobre a mesa e, com seu jeito de iniciar a aula mais chata da escola, disse:

— Bom dia, bom dia.

Pouquíssimos alunos responderam. Logo depois, anunciou que a aula de hoje seria de xadrez.

— Aff... — deixo escapar.

— Nossa, você não gosta? — pergunta John.

Sem muita vontade de responder, olho para ele e digo:

— Nem é isso... hoje nem tenho chance.

Pensei várias vezes em fingir alguma dor para me livrar da aula. O professor Ricardo passou pelas duplas, distribuindo os tabuleiros e desejando bom jogo. Quando nos entregou o nosso, disse:

— John, meu aluno, não vai negar.

Fiquei ainda mais duvidando da minha própria capacidade.

Por mais que eu duvidasse de mim mesmo, não iria perder em menos de três minutos, como alguns alunos da minha turma.

— Como isso é possível? — deixo escapar.

— Tem alguma dúvida? — pergunta John, já organizando suas peças.

Fiquei sem saber o que falar.

— Não entendo por que dependemos da água para sobreviver — digo, mudando completamente de assunto, sem nem perceber o quão aleatório fui.

— Hm... simples. Como iríamos nos alimentar e nos hidratar?

— respondeu ele, já terminando de arrumar as peças.

Comecei a organizar as minhas, e ele me ajudou. Pensei: será que odeio ele simplesmente por ser muito mais inteligente do que eu?

— Mas sobrevivemos de algo que nem sabemos de onde surgiu — fui sarcástico, mas verdadeiro.

Ele soltou um sorriso, como se eu fosse burro — não que eu não seja... — e, de forma provocadora, virou o tabuleiro, deixando as peças brancas para o meu lado. Esforcei-me para disfarçar que nem vontade de jogar com ele eu tinha.

— A água é a base da vida, Allan — interrompe o professor.

Tenho certeza de que, se fosse em outra mesa, sem o John, ele teria ignorado completamente a dúvida.

— Agora vão para o jogo — disse ele, após distribuir os tabuleiros para todos.

Movendo uma peça, sussurro:

— John, minha dúvida ainda não foi respondida.

Confesso: fiz isso só para desconcentrá-lo, para não perder tão rápido como de costume.

— Hm... às vezes nem sempre precisamos pensar no princípio de tudo, mas sim nos benefícios que temos — disse ele, como se estivesse com a cabeça em outro lugar, enquanto movia uma peça.

Tive a impressão de que estava conseguindo deixá-lo confuso. Não fiquei satisfeito e continuei:

— Estranho ignorar o princípio de tudo e viver bem com isso.

Fui hipócrita. Sou cristão e nunca duvidei da existência de Deus, mas naquele momento, meu ego em não aceitar que ele era melhor do que eu falou mais alto. Nem era uma dúvida real — era só uma forma de ganhar tempo.

Olhei para o relógio do laboratório: tudo isso não havia durado nem dois minutos.

— Então... há tantas teorias sobre o início de tudo que, hoje, cada um acredita no que quer — disse John, sem olhar para o tabuleiro.

Dessa vez, olhando para mim.

Fiquei sem resposta. Tive que encarar o jogo.

Depois de alguns minutos, como esperado, ele venceu a partida e estendeu a mão:

— Bom jogo.

Pensei: pra você, sim... como sempre.

E ainda não entendia por que odiava tanto alguém como ele.

— Ao invés de criticarmos a água, poderíamos conscientizar

sobre ela — disse John.

Ele tinha razão. Naquele momento, percebi que aquela dúvida também era dele.

— Podemos conscientizar juntos — respondi.

Ele me olhou como se tivesse algo a dizer, como no início da aula — mas agora era diferente.

— Talvez um projeto de cartazes sobre a importância da água?

— Faça sim — respondi.

— Quando podemos começar? Talvez na aula de preservação ambiental?

— Sim, sem problemas. A próxima aula é amanhã.

A aula acabou. Fomos para o almoço e, mais uma vez, peguei-me pensando: por que poucas pessoas levam a sério a importância da água? Por que um assunto tão importante é, muitas vezes, ignorado?

Por: Vitor Samuel Lino Borges

O Rio que Voltou a Correr

Helena Valença Castro, de 67 anos, morava com sua esposa, Maria da Glória, em uma casa simples próxima a um rio que, por muitos anos, foi a principal fonte de vida da pequena cidade onde viviam. O som da água correndo era constante, quase como uma música que embalava o cotidiano dos moradores.

No entanto, aquele cenário começou a mudar. Em uma manhã silenciosa, Heleno percebeu algo estranho ao caminhar pela margem: o rio estava raso, com pedras antes escondidas agora visíveis. A seca havia chegado — e, com ela, o medo.

Os dias passaram, e a situação piorou. A água começou a faltar nas casas, as plantações secaram e os animais sofriam. A prefeitura tentava soluções rápidas, mas nada parecia suficiente. O desespero tomou conta da população.

Heleno, conhecido por sua curiosidade e persistência, decidiu agir. Mesmo sem formação acadêmica, sempre gostou de observar, aprender e resolver problemas. Passou a estudar por conta própria, pesquisando maneiras de armazenar e redirecionar a água.

Mas nem todos acreditavam nele.

— Isso não vai dar em nada, Heleno — disse um vizinho. —

Esse problema é grande demais.

As palavras pesaram, mas não o fizeram desistir. Pelo contrário, fortaleceram sua determinação. Com a ajuda de Maria da Glória, que sempre o apoiava, ele começou a desenhar um projeto simples: um sistema de captação de água da chuva e redistribuição para o rio.

O maior conflito surgiu quando tentou apresentar sua ideia à prefeitura. Muitos duvidaram, alguns riram. Disseram que era arriscado e que não havia recursos.

Mesmo assim, Heleno não desistiu.

Começou pequeno, utilizando materiais reaproveitados, com a ajuda de poucos moradores que ainda acreditavam nele. Foram dias difíceis, com calor intenso e quase nenhuma água. Houve momentos em que pensou em parar.

Mas então olhava para Maria da Glória, que sempre dizia:

— Você sempre encontra um jeito.

E ele continuava.

Após semanas de trabalho, o sistema começou a funcionar. As primeiras chuvas foram captadas, armazenadas e direcionadas lentamente para o leito do rio. Aos poucos, a água começou a voltar.

Primeiro como um fio. Depois como um pequeno fluxo. Até que, finalmente, o rio voltou a correr.

A cidade inteira ficou impressionada. Aquilo que parecia impossível havia se tornado realidade.

Heleno não se tornou apenas um herói local — tornou-se um exemplo de coragem, persistência e inteligência prática. A prefeitura, antes desacreditada, passou a investir na ampliação do projeto.

Na mesma margem onde tudo começou, Heleno e Maria da Glória observavam o rio novamente cheio.

— Valeu a pena — disse ele.

Maria sorriu e respondeu:

— Eu nunca tive dúvidas.

E assim, em meio à maior seca que a cidade já enfrentou, nasceu uma das maiores lições: às vezes, a solução não vem das grandes autoridades, mas da coragem de quem se recusa a desistir.

Autora: Anny Marcelly Gonçalves de Moura

A Importância da Água

A água é um recurso essencial para a vida na Terra. Todos os seres vivos, incluindo os seres humanos, dependem dela para sobreviver. Ela está presente em diversas atividades do dia a dia, como beber, cozinhar, tomar banho e produzir alimentos.

Além disso, a água é fundamental para o equilíbrio dos ecossistemas. Rios, lagos e oceanos abrigam uma grande diversidade de seres vivos e contribuem para a regulação do clima do planeta. Sem a água, a vida como a conhecemos não seria possível.

Apesar de sua importância, a água potável é um recurso limitado. A poluição, o desperdício e o uso inadequado têm causado sérios problemas em várias regiões do mundo. Por isso, é essencial que todos façam sua parte na preservação desse recurso.

Pequenas atitudes, como evitar desperdícios, fechar a torneira ao escovar os dentes e não jogar lixo em rios, fazem grande diferença. Cuidar da água é cuidar da vida e garantir um futuro melhor para as próximas gerações.

Autora: Isabela Aparecida Pereira Araújo

Lini e o Mistério da Água

Lini, uma menininha de 6 anos, era curiosa e adorava conversar com as pessoas e observar o mundo ao seu redor. Ela morava com seu pai e sua mãe em uma casa onde o “porquê” era sua palavra favorita. Para Lini, o mundo era um grande quebra-cabeça esperando para ser montado, e sua maior alegria era desvendar os pequenos segredos do dia a dia.

Certa manhã, ao tentar escovar os dentes, percebeu algo terrível: a água havia sumido. Não havia um pingote sequer nas torneiras da casa.

Enquanto os adultos reclamavam ao telefone, Lini, curiosa para saber o que havia acontecido, saiu pela rua conversando com seus vizinhos e observando a cidade.

Ela caminhava com passos decididos, percebendo como a rua parecia diferente sem o barulho habitual dos chuveiros ou das mangueiras regando os jardins.

No caminho, conversou com seu João, o padeiro, que explicou que “os canos estavam com sede”, e com dona Rosa, que apontou para o fim da rua, onde homens de capacete laranja trabalhavam.

Curiosa, Lini se aproximou, mantendo uma distância segura,

claro. E viu um buraco enorme no chão. Lá dentro, um cano gigante estava sendo envolvido por uma peça de metal.

Foi então que Lini percebeu que a água não sumia por mágica; ela viajava por caminhos escondidos que, às vezes, precisavam de um “curativo”.

De volta para casa, encontrou seus pais ainda preocupados, mas Lini tinha um brilho diferente no olhar.

O quebra-cabeça estava se formando: ela entendeu que a água da torneira não surge do nada. Ela vem de longe, como uma visitante, e todos os vizinhos estão ligados por um mesmo caminho invisível — uma rede de canos que leva água para todos.

Enquanto esperava o som da água voltando — o “shhh” que tanto queria ouvir —, Lini começou a imaginar como ela percorria aqueles caminhos escondidos debaixo da cidade.

De repente, um barulho conhecido ecoou do banheiro:

— glu-glu-tchiiii!

A água tinha voltado!

Mas, para Lini, nada era como antes. Ao escovar os dentes, ela não deixou a torneira aberta nem por um segundo.

Sorriu para o próprio reflexo no espelho e pensou:

— Hoje descobri que até a água precisa de cuidado para o mundo continuar girando.

O mistério do desaparecimento havia se transformado em uma grande aventura para a pequena Lini.

E ela já estava ansiosa para perguntar ao pai:

— Papai, para onde a água vai depois que some pelo ralo?

Autora: Maria Clarisse Barbosa Magalhães

O Valor das Pequenas Ações

A chuva caía como vidro, invadindo até os pensamentos mais íntimos. Eu corria como um raio, esmagando as poças de água na rua. Cheguei até a porta, ofegante, chamando por Abuela. Desci as escadas, tropeçando pelos degraus, e finalmente a encontrei.

— Abuela Jurlana!

— Abuela! A senhora não vai acreditar!

— Ora, diga logo — exclamou ela, sem demonstrar interesse algum.

— Carla terminou comigo! — choraminguei, jogando-me ao chão.

Abuela, por outro lado, continuou focada em seu tricô, sem dizer uma palavra.

— E o que quer que eu faça, nino? Ora, não me incomode com tanta bobagem! — disse, quebrando o silêncio e lançando suas palavras como lâminas.

Engoli o choro e me levantei, saindo daquele lugar que não me merecia.

Ora, por que sempre tem que ser assim? Quero fazer diferente, quero me prender a essa ilusão que todos têm... mas por que

comigo não funciona?

— Marlon! Por que na rua tão tarde?

Voltei ao mundo com o chamado de Afonson — o único que me entende.

— Afonson! Me ajuda! Carla terminou comigo, o que eu faço?

Saí pela estrada, tropeçando nos buracos do asfalto, enquanto despejava minha melancolia.

— Você sabe, Marlon... Carla não era flor que se cheire. Mas não vim aqui por isso.

— Ora, e vieste por quê? Não vieste me ajudar?

— Bom, também... mas ouvi dizer que o povo do alto está com problemas. Todos estão à beira do caos.

— E o que nós temos a ver com essa gente cheia de dinheiro?

— Marlon, pensa bem. Essa é sua chance. Você pode salvar todo mundo!

— E como eu faria isso? — parei diante dele, cuspidando as palavras.

— Não sei. Isso é com você! Vamos lá, Marlon, é sua vez de brilhar! — disse ele, saindo saltitante sem nem olhar para trás.

Agora era só o que me faltava: me meter no lado alto para salvá-los. Nunca ouvi tanta bobagem na minha vida!

Mas, pensando bem... se eu salvasse aquele povo, Carla poderia voltar para mim.

Sim... é isso que vou fazer.

Saí pela estrada, ignorando os avisos das placas pichadas. Atravessei a ponte central e entrei no lado alto. Recebi cochichos e olhares atravessados — mas o que era isso para alguém como eu?

Aquele lugar era tão nojento quanto o buraco de inferno que eu chamava de cidade. A obesidade ali era constante, quase um

símbolo de riqueza. Eles não faziam nada além de levantar o garfo.

E então percebi: Afonson nem sequer havia me dito qual era o problema.

Como eu descobriria sozinho?

Andei pra lá e pra cá, subindo e descendo, correndo e observando. Mas não encontrei nada.

— Irmão maior! Você veio nos salvar?

Uma voz fina surgiu das sombras.

— Ora, claro que sim, criança! Mas qual é o problema de vocês?

Admito: fui orgulhoso.

— Estamos com falta de água... como você vai nos salvar?

Os olhos da menina brilhavam de esperança — e, por algum motivo, aquilo me tocou.

— Vou trazer a água de volta! Assim ninguém vai sofrer!

Bati no peito com confiança, mesmo sem ter ideia do que fazer.

— Obrigada, irmão maior! Venha, eu vou te levar lá!

Ela saiu pulando pela estrada — e eu fui atrás.

Seguimos até um lugar estranho, quase artificial. Depois de um tempo — cinco, dez, talvez trinta minutos — chegamos.

Ali estava: a “Santa da Água”. Uma grande máquina bombeando água sem parar.

Subimos pelas estruturas de ferro até o topo.

— E agora, irmão maior? — perguntou a menina.

— Qual é o seu nome?

— Carolina!

— Pois bem, pequena Carolina... observe minha grandiosa habilidade!

Soquei um botão do painel. Nada aconteceu.

— O que você fez? — perguntou ela, confusa.

Fiquei em silêncio, observando a máquina continuar funcionando.

De repente, um estrondo ecoou. A estrutura tremeu... e então parou.

Silêncio.

— Funcionou! Irmão maior, funcionou! Agora o rio tem água! — Carolina gritou, transbordando alegria.

E eu... eu também comemorei.

Nem eu sabia como, mas tinha funcionado.

O problema estava resolvido?

Não completamente.

Mas, por ora, era o suficiente.

E agora, ao lado da pequena Carolina, eu seguiria ajudando aquele povo — não por Carla, não por orgulho... mas porque, às vezes, são as pequenas ações que mudam tudo.

Autora: Eduarda Gonçalves Santos

O Rio que Precisava de Ajuda

Carlos era um pescador que gostava de pescar em um rio localizado a 15 quilômetros de sua cidade. Sempre pegava seu carro e seguia pela estrada até chegar ao lugar, onde encontrava paz e contato com a natureza.

Certo dia, ao chegar ao rio, Carlos percebeu que a água estava diferente e que havia poucos peixes. Perto dali, existia uma empresa chamada VLF, que produzia verduras, legumes e frutas. Ele percebeu que os produtos químicos utilizados nas plantações estavam sendo levados até o rio, contaminando a água.

Carlos ficou preocupado, pois sabia que a água é essencial para a vida das pessoas, dos animais e para o futuro do planeta. Sem água limpa, não existe vida.

Então, ele decidiu agir. Carlos reuniu provas e denunciou o problema às autoridades. Após a investigação, foi confirmado que a empresa realmente estava poluindo o rio.

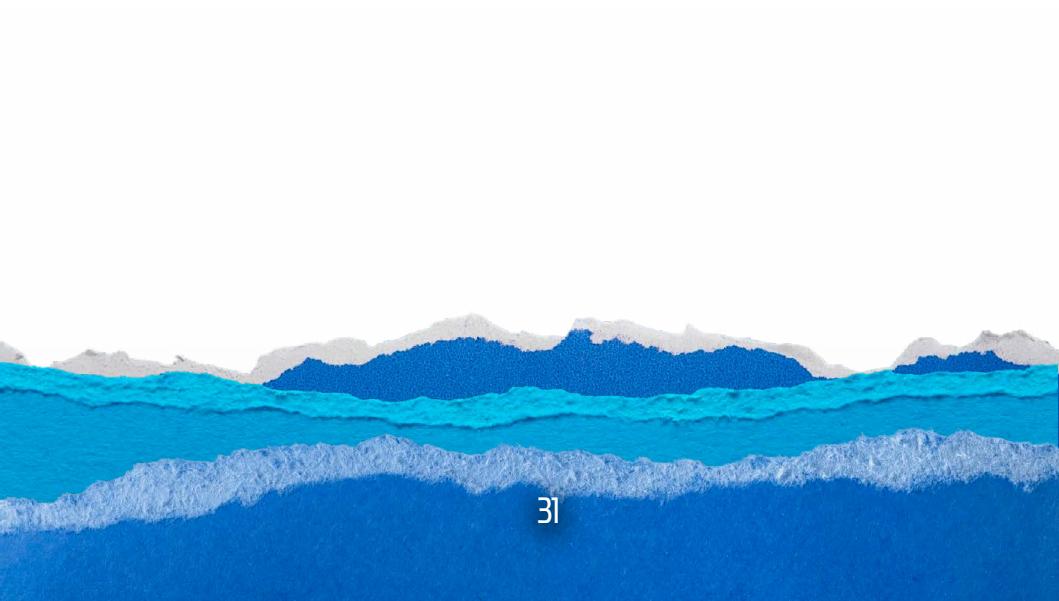
A empresa foi interditada até resolver o problema da contaminação. Com o tempo, o rio começou a se recuperar e os peixes voltaram.

Carlos também passou a conscientizar as pessoas sobre a

importância de cuidar da água e reciclar para proteger a natureza.

Assim, ele mostrou que pequenas atitudes podem ajudar a salvar o planeta e garantir um futuro melhor para todos.

Autor: Miguel Luiz Brandão Silva



Rio de Sonhos

Uma noite de lua cheia, o rio sussurrava segredos à lua, que os guardava com carinho. As estrelas ouviam, encantadas, enquanto o vento dançava entre as árvores, criando uma sinfonia suave.

Uma gota de água, curiosa, perguntou:

— Para onde vamos?

O rio respondeu, com um murmúrio delicado:

— Para o mar, onde os sonhos se realizam, onde as águas se encontram e as histórias se escrevem em páginas de espuma.

A gota sorriu e se deixou levar, tornando-se uma só com o rio, fluindo rumo ao infinito.

No caminho, encontrou peixes coloridos, que contavam histórias antigas de naufrágios e tesouros, e flores que perfumavam o ar com essências exóticas.

Juntos, seguiram em direção ao horizonte, onde o sol nasce e se põe eternamente, pintando o céu com cores de fogo e ouro.

Autora: Gabrielly Vitória

O Alerta do Rio

Eduardo Bittencourt é um jovem de 20 anos que mora na cidade de Brasilândia de Minas. Ele concluiu o ensino médio e vive com seus pais e sua namorada. Desde pequeno, sempre teve uma forte ligação com o rio da cidade, pois foi ali que aprendeu a pescar com seu pai.

Certo dia, ao ir pescar, percebeu que o rio estava com mau cheiro e a água muito suja. Mesmo assim, tentou ignorar, mas logo notou que algo estava errado. A cada tentativa, encontrava mais dificuldade para pescar e passou a ver peixes mortos.

Preocupado, Eduardo decidiu investigar o que estava acontecendo. Ficou abalado com a situação e começou a se perguntar o motivo de tantos peixes estarem morrendo. Ao observar melhor o local, percebeu sinais de poluição ao redor do rio, como o descarte irregular de lixo e resíduos.

A água, que antes era limpa e cheia de vida, agora estava contaminada. Eduardo entendeu que aquilo não afetava apenas os peixes, mas também as pessoas da comunidade que dependiam daquele rio.

Com isso, ele percebeu o quanto a água é essencial para a vida e como é importante cuidar do meio ambiente para garantir um futuro melhor.

Autora: Laysla Gonçalves dos Santos

